

Expression and Intent: pursuing Rui Pimentel's work process

Eliane Guimarães¹, Helder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

The present research aims to acknowledge Rui Pimentel's work, more specifically, his role in deepening the design process in Porto between the 1940s and 1960s, an experimental period in the Portuguese modern architectural scene.

In the context of the third generation's battle for modern architecture, it is important to underline the country lived a dictatorial regime, with all its restrictions and restraints, but also, recognize EBAP's endeavour to free their academic studies and programmes from official 'Estado Novo' affirmation.

It's with this generation that we encounter various activists, Rui Pimentel included, that battled in defence of an ideological modern architecture, alongside F. Távora, Mário Bonito, Arménio Losa, Cassiano Barbosa, among others.

Towards the end of 1940's, collective housing was one of the main research themes guided by central European architectural experimentation set on: objectivity, utility and functionality.

Rui Pimentel's design process, informed by "Existenzminimum" experimentation, explored these settings through formal depuration and the deepening of the new forms of collective dwelling, adopting compositional concepts and spatial associations. The asymmetric and rhythmic compositions, inspired by neoplastic notions, reinforced his design principles, which explored material's plastic and chromatic value regulated by a rigorous geometric draft. A clear architectural language, based on Le Corbusier's principles, guided Rui Pimentel's work process and design themes resulting in built modern manifestos imbedded in Porto's urban fabric.

These topics were discussed intensively in the first architectural congress, in 1948, where between various architects, Rui Pimentel was one of the active members of Porto's Modern Architects Movement (ODAM), who defended the expression of their ideas through built examples.

The following research is related to an on-going Master Thesis in Architecture, supervised by Professor Helder Casal Ribeiro.

Expression and Intend: pursuing Rui Pimentel's work process

Eliane Guimarães¹, Hélder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Esta investigação tem como objectivo contribuir para a visibilidade do testemunho de Rui Pimentel nos processos de desenho dos anos 40 a 60, do século XX, período experimental no panorama da arquitetura moderna portuguesa, que na tentativa de construir um discurso renovado e próprio, incorpora e reformula as premissas do movimento moderno, transformando um momento potencialmente anacrónico, decorrente da assimetria sociocultural com o contexto internacional, num período fundacional para a arquitetura contemporânea portuguesa.

Rui Pimentel enquadra-se na terceira geração dos arquitectos modernos portugueses, caracterizada pela prática profissional diretamente aliada ao papel social do arquitecto, numa época em que o país se encontrava assente sob um regime ditatorial, e sob a consciência do *ideário moderno* ainda por cumprir no panorama da arquitetura e da sociedade portuguesa. Geração que no final dos anos 40, se afirma com uma prática profissional consciente da circunstância nacional, e na década seguinte apresenta obra arquitectónica singular na implementação e divulgação da arquitetura moderna, fundamentada nas ideias transmitidas e aprofundadas pelos CIAM.

A ligação desta geração às outras artes, nomeadamente à Pintura e Escultura, advém da formação inspirada nos princípios multidisciplinares, com influência na forma pedagógica como Carlos Ramos abordava o ensino da arquitectura e das artes, possibilitando o estudo de outras áreas artísticas e sociais, incentivando, inclusivamente, trabalho em colaboração e coautorias.

A responsabilidade social do arquitecto, será aprofundada com a participação em atividades culturais e associativas, assentes num debate sobre o problema da habitação e a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária. Destaca-se, as reuniões da UIA; do Sindicato dos Arquitectos; do Cine-Club do Porto; do TEP, a formação e respectivas iniciativas da ICAT em Lisboa (*Iniciativas Culturais de Arte e Técnica*) e da ODAM no Porto (*Organização dos Arquitectos Modernos*), e em 1948, a participação maciça no 1º Congresso de arquitectura.

Simultaneamente com os Congressos de Arquitectura e Engenharia de Maio de 1948, decorre uma exposição promovida pelo governo, para documentar os *15 anos de Obras Públicas*. Num país onde existia um enorme controlo de tudo o que era publicado, esta oportunidade foi aproveitada ao máximo pelos arquitectos na discussão de dois temas: *A Arquitectura no Plano Nacional* e *O Problema Português da Habitação*. Os grupos ODAM e ICAT, fortemente politizados, em defesa pela

Expression and Intend: pursuing Rui Pimentel's work process

Eliane Guimarães¹, Hélder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Arquitectura Moderna, juntaram esforços para combater o chamado “*português suave*”, a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar utilizava como instrumento de ordem ideológico para fortalecer o seu poder. Este Congresso, ao contrario do pretendido pelo Estado Novo, foi importante para expor as preocupações dos arquitetos e os condicionalismos da sua atividade, declarando que “o portuguesismo da obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos do Passado”.

Nos anos 50, esta discussão estender-se-á à Exposição de 1951 da ODAM à participação nas reuniões dos CIAM VIII em Hoddesdon; Inglaterra; VI Congresso da *Federación de Urbanismo y de la Vivienda* e *II Reunião Luso Espanhola de Arquitectura*; com o conseqüente reflexo na iniciativa - *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

O *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, conduzido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, entre 1955 e 1960, com o apoio do Ministério das Obras Públicas, pretende: “*a valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-se no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento*”. O inquérito ocorre exatamente antes das grandes mutações no território português, onde os arquitetos que fizeram parte deste projeto, vendo a imposição do governo Salazarista, juntamente com o movimento radicalista do *International Style*, sentiram a necessidade de procurar a verdadeira identidade na arquitetura mais vernácula. Keil do Amaral, como porta-voz desta equipa de arquitetos, todos numa fase inicial da sua atividade, e o SNA, documentam uma época de relação coerente entre o homem e o seu meio – social, económico e geográfico. Também acabou por ser uma ferramenta importante para os arquitetos do conhecimento “in situ” das características de cada região do país, conforme relata a equipa da Zona 1, coordenada por Fernando Távora: “*Zona tão tentadora como difícil, densamente povoada e abrangendo terras que vão do litoral ao acidentado interior, e do Minho ao Mondego; Zona rica em história, onde a dimensão tempo significa e explica muita coisa, agitada ao longo dos séculos por choques de homens e de culturas, povoada aqui por uma pequena aldeia de montanha, ali pela grande cidade, variada na sua economia, que oscila entre a agricultura de exploração quase primitiva à mais moderna indústria.*”

Expression and Intend: pursuing Rui Pimentel's work process

Eliane Guimarães¹, Hélder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Será neste ambiente que Rui Pimentel inicia a sua formação na EBAP nos anos 40, onde desde 1942 será conhecido pelo pseudónimo – ARCO. Participa em diversas exposições coletivas, entre outras, a Exposição “Independentes” organizada por Fernando Lanhas; Exposições Magnas e Extra escolares dos alunos da ESBAP e a Exposição Geral de Artes Plásticas, em 1946 e 47 na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, com pinturas neorrealistas e politicamente em oposição ao regime de Salazar.

Rui Pimentel finalizará em Julho de 1964 com o CODA (*Concurso ao Diploma de Arquitecto*), todavia, este período é constituído por diversas colaborações com autores relevantes para a discussão do moderno como: Fernando Távora, Mário Bonito, Arménio Losa e Cassiano Barbosa, António Meneres, Augusto Amaral, entre outros arquitectos que abordam temas importantes como: tradição e moderno, função e técnica, inovação e artisticidade.

A compreensão do processo de desenho de Rui Pimentel representa a depuração formal e o aprofundamento das novas formas do habitar colectivo, princípios adoptados na concepção da habitação e dos novos espaços domésticos da época, partindo da referência da casa “*Existenzminimum*”, temas debatidos e afirmados na sua participação nas reuniões preparatórias do grupo CIAM Porto.

A sua linguagem arquitectónica, através das composições assimétricas e ritmadas, inspiradas pelo neoplasticismo, reforçam os seus princípios de desenho assentes no valor plástico e cromático dos materiais regrados por um rigoroso traçado geométrico, temas apresentados na participação da exposição ODAM no Ateneu Comercial do Porto em 1951, com o *Edifício do Ouro* em colaboração com Mário Bonito.

Mas será no *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, acompanhando Fernando Távora nas viagens ao noroeste de Portugal, referente ao Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, que Rui Pimentel, em conjunto com António Meneres, encontrará um possível caminho para a revisão do moderno explorando a dimensão humanista e social da arquitectura, reconhecendo a condição do habitat pelos seus costumes e tradições, como interlocutor privilegiado das novas formas do habitar.